

# FOTOFORMAS

Depois de expor no Masp, em 1950, Geraldo de Barros volta a mostrar suas fotos no Musée de l'Elysée, Suíça

SILVIA BASSI

Da Reportagem Local

Entre os anos de 1948 e 1952, o artista plástico Geraldo de Barros, 68, fez muitas coisas condenadas pelos manuais e regras da fotografia básica: ele riscou, pintou, cortou e furou seus negativos e recortou suas fotos.

Os resultados dessa "transgressão" foram batizados por ele de "Fotoformas".

O trabalho, na época, escandalizou os "fotógrafos ortodoxos" do Foto Cine Clube Bandeirantes (São Paulo), que o chamaram de "louco", e impressionou o então diretor do Museu de Arte de São Paulo (Masp), Pietro Maria Bardi, e o fundador do Masp, Assis Chateaubriand.

Com o apoio de Bardi, "Fotoformas" virou exposição no Masp, em 1950. Com a ajuda de Chateaubriand, Geraldo de Barros conseguiu uma bolsa de estudos do governo francês e foi estudar pintura em Paris, em 51.

Exatamente 41 anos depois da exposição do Masp, as fotos de Geraldo encantaram Charles Henry Favrod, diretor do Musée de l'Elysée, em Lausanne, na Suíça, o mais importante museu de fotografia da Europa.

Favrod as chamou de "fotos de pintor" e decidiu abrir as portas da grande sala do museu —destinada aos mestres da fotografia— para uma exposição, que acontecerá no início de 1993. Da Suíça, a exposição irá depois para Portugal e Alemanha.

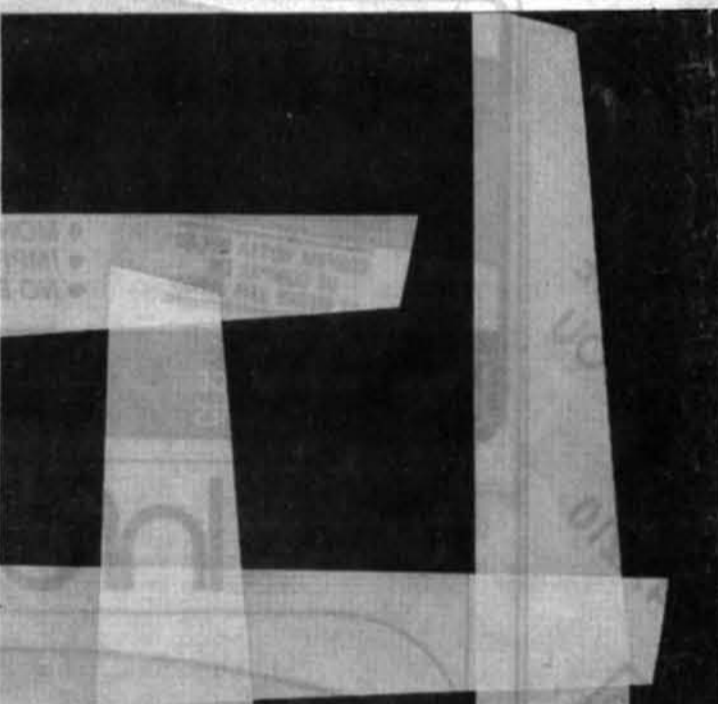
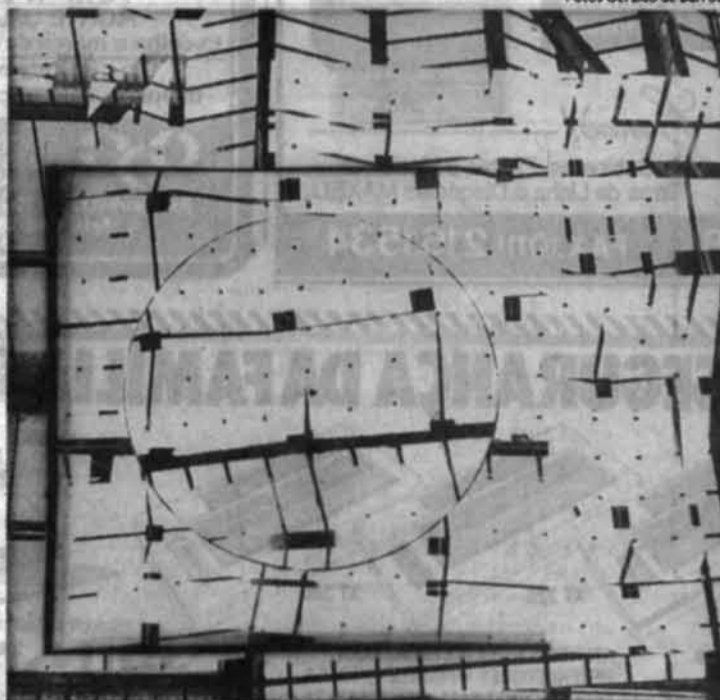
Nessa mesma data, ficará pronto um livro, editado pela gráfica suíça Tschudi, reunindo cem fotos escolhidas por Geraldo. O livro tem projeto gráfico de Márcia Zoladz e Fabiana de Barros, filha do fotógrafo, e terá textos em português e francês.

Um terceiro evento —a doação ao museu dos mais de 270 negativos produzidos por Geraldo— também acontecerá em 93. Em troca, diz Fabiana, o museu entregará três cópias de cada negativo.

"Fizemos a doação porque o museu tem a melhor estrutura para a conserva-



Placas de cemitério viram pés e corpo de uma galinha (esq.); desenho é criado com 'sanduíche' de negativos



Sombras de portas abertas compõem foto geométrica (esq.); desenho "grego" em muro do Tatuapé



ção dos negativos", explica Fabiana. Segundo ela, a idéia é doar cópias dos trabalhos também para um museu brasileiro, projeto ainda não encaminhado.

O trabalho fotográfico de Geraldo de Barros é considerado pelos críticos como o que há de melhor em fotografia experimental do Brasil. "A série 'Fotoformas' radicalizava e levava às últimas consequências a questão da fotografia, a relação entre o real e a abstração, a desconstrução da imagem ao extremo", diz Geraldo.

Suas fotos, conta, foram todas feitas com uma câmera "Rolleiflex", de 1939, usando negativos tamanho 7 x 7 —"melhores para cortar e pintar". O trabalho de revelação, montagem e ampliação dos negativos foi realizado por ele mesmo no laboratório do Masp, que ajudou a montar.

Geraldo de Barros usava várias técnicas para obter suas imagens. De um mesmo negativo, por cortes, podiam nascer quatro, cinco fotos. "Desde o momento em que eu batia a foto já sabia o que desejava, o corte que eu daria".

Buracos em um muro no Tatuapé podiam virar os olhos de uma menina, cujo rosto seria desenhado por ele com nanquim ou riscado com ponta seca no próprio negativo, e ampliado em papel.

Na fase geométrica, Geraldo cortava os negativos e girava suas partes, fazendo um novo desenho. Esse negativo era "ensanduíchado" em duas placas de vidro e o conjunto ampliado em papel.

Fotos podiam ser ampliadas, cortadas e montadas sobre uma base de eucatex, como esculturas. Uma delas, uma máscara africana, foi vista por Geraldo entre os arabescos de um portão de ferro.

As últimas experiências com "Fotoformas" dispensaram o uso da máquina fotográfica. Geraldo passou a trabalhar com fotogramas, usando apenas papel, luz e objetos.

Na Europa, Geraldo de Barros continuou a fotografar até 1952. Nessa época, Geraldo passou para as fotos figurativas, que ele chama de "turísticas".

## Artista participou do Concretismo

Da Reportagem Local

Geraldo de Barros é um dos principais nomes do movimento concretista paulista, que nos anos 50 provocou uma revolução formal na arte brasileira.

Junto com outros artistas como Waldemar Cordeiro, Lothar Charroux e Luís Sacilotto, assinou em 1952 o manifesto Ruptura, distribuído no Museu de Arte Moderna. O texto defendia, entre outras coisas, que a arte moderna não deveria ficar confinada a museus, mas ser levada ao maior número de pessoas.

Ele é também pioneiro do desenho industrial no Brasil. Em 1954 fundou a Unilabor, uma comunidade socialista que tinha como idéia fundamental construir móveis com boa forma para um número maior de pessoas. A comunidade acabou não vingando e Geraldo decidiu fazer seus móveis fundando a "Hobjeto".

"Para mim a Fotografia é um processo de Gravura.

Defendi esse pensamento por ocasião da 2ª Bial de São Paulo, quando tentei introduzir a Fotografia nas Bienais de São Paulo. Acredito, também, que é no 'erro', na exploração e domínio do 'acaso', que reside a Criação em Fotografia.

Sempre me preocupei em ter a técnica apenas o suficiente para as necessidades de expressão, sem me deixar levar a altos virtuosismos técnicos e a sofisticadíssimos aparelhos. Sempre trabalhei com uma Rollei, de 1939, que me possibilita duplas ou mais exposições e que me permite compor quando fotógrafo.

Se é permitido o 'retoque', também são permitidas alterações no negativo. Um negativo achado, todo riscado e empoeirado, se fornecer um bom resultado fotográfico, a Fotografia é de quem a realiza e não de quem expôs o negativo.

Acredito, enfim, que a sofisticação técnica, o culto da perfeição técnica, levou a uma pobreza de resultados, de imaginação e de criatividade, negativas para a Arte Fotográfica."

Texto de Geraldo de Barros publicado no catálogo "Hecho em Latino América", da "1ª Mostra de Fotografia Latino-americana Contemporânea", no Museu de Arte Moderna da Cidade do México em maio de 1978.



De dentro de uma vitrine, Geraldo de Barros "enxerga" a frente de outra casa, na Espanha